

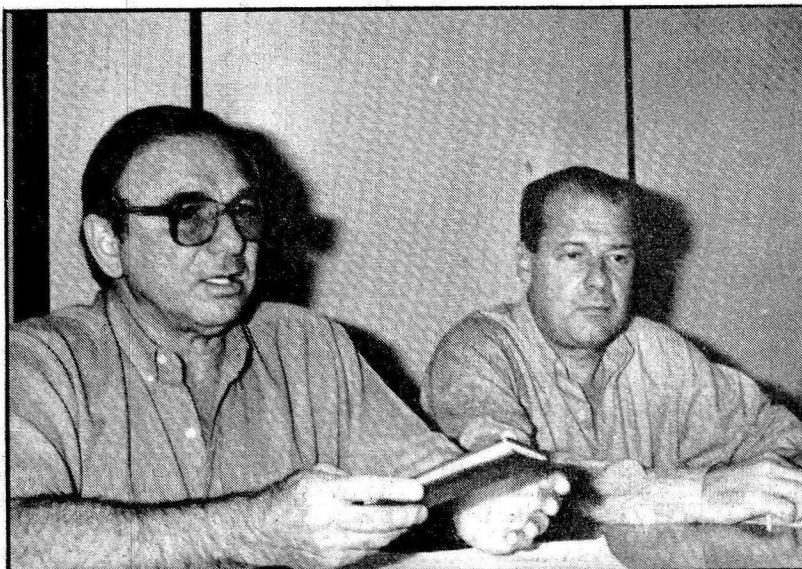
Anestesistas denunciam riscos em usinas de oxigênio

Fotos: Edson Gê

JOÃO CARLOS HENRIQUES

As sociedades Brasileira e Brasiliense de Anestesiologia denunciaram ontem que as usinas concentradoras de oxigênio em hospitais públicos — três no Rio de Janeiro e duas em Brasília —, instaladas a partir de 1990, podem colocar em risco a vida dos pacientes. Apesar de responderem por uma economia de 400 mil dólares por ano, uma vez que os hospitais deixam de comprar oxigênio, essas usinas, segundo a denúncia, não produzem oxigênio puro. Como são uma novidade no País, ainda não existe uma norma técnica para a sua instalação. Os diretores dos dois hospitais de Brasília que possuem as usinas — Hospital de Base e Hospital Universitário — contestam a denúncia.

"Na minha opinião, isso é lobby da White Martins", afirmou o diretor do Hospital Universitário (antigo Hospital Presidente Médici), Rui Archer, referindo-se à única empresa que vende oxigênio no Distrito Federal. "Não sei ainda se a denúncia procede ou se é um lobby da White Martins", disse Mauro Guimaraens, diretor do Hospital de Base.



O anestesista Edílio Pereira (de óculos) diz que usina oferece perigo, mas o secretário Frejat não acredita

Segundo o chefe do setor de anestesiologia do Hospital Universitário, Edílio Pereira, que é também diretor científico da Sociedade Brasileira de Anestesiologia, a denúncia procede. Ele ressalva, contudo, que desde a instalação da usina no Hospital Universitário, em agosto de 1990, nunca ocorreu nenhum problema com o oxigênio gerado pela usina. Mas o presidente da SBA, João Carlos Boza, lembra que no Hospital do Andaraí (RJ) ocorreu um acidente, onde o pó de grafite usado para lubrificar os motores se misturou com o gás, expondo os pacientes à contaminação.

Gases — De acordo com João Carlos Boza, existe, ainda, a contaminação com outros dois gases, o argônio e o nitrogênio, sendo desconhecidos seus efeitos sobre o organismo. Para ele, o uso sem critérios dessas usinas concorre para aumentar os riscos de acidentes. Ele reclama, ainda, que as usinas foram instaladas sem a consulta aos médicos, principalmente os anestesistas.

Em entrevista ao Jornal de Brasília, o diretor da Sociedade Brasiliense de Anestesiologia,

Glycon Fernandes Pereira, frisou que não existe lobby ou aspectos políticos por parte da Sociedade. "O que não podemos é colocar em risco a vida de pacientes", destacou. Tanto ele como Edílio Pereira e João Carlos Boza sustentam que não são contra as usinas concentradoras de oxigênio. "O problema é que não há normas técnicas para a instalação dessas usinas e para a sua fabricação", disse Edílio. Segundo ele, o Hospital Universitário tem o oxímetro de pulso (aparelho que mede a concentração de oxigênio na hemoglobina), mas faltam os analisadores de oxigênio na sala de cirurgia. A SBA recomenda esses dois aparelhos e o filtro. O filtro já foi instalado no Hospital.

O secretário de Saúde do DF, Jofran Frejat, disse que não ocorreu nenhum problema, até hoje, nas duas usinas concentradoras de oxigênio de Brasília. "Até agora nenhuma entidade fez qualquer reclamação e acho estranho essa denúncia, pois o Ministério da Saúde não iria financiar um equipamento se não tivesse certeza do seu funcionamento", afirmou.



Usina de oxigênio instalada no Hospital Universitário de Brasília

